

# Revolta ou Ressedentarização?

## Reflexões Arqueológicas sobre a História do Israel Pré-Estatal<sup>1</sup>

Friedrich Erich Dobberahn  
e Armin Andreas Hollas

### I — Israel: Resultado de uma Revolta Campesina?

Com base na obra de N. K. Gottwald, *As Tribos de Iahweh*<sup>2</sup>, C. A. Dreher constatou nos *Estudos Teológicos* de 1986: “Os modelos propostos pela pesquisa vétero-testamentária para explicar o Israel pré-estatal têm-se mostrado insatisfatórios.”<sup>3</sup> Dois anos depois, porém, em 1988, a Israel Exploration Society em Jerusalém publicou um livro que, mediante material arqueológico inédito, propõe-se a redesenhar a pré-história israelita mais uma vez.

Este livro — “A Arqueologia da Sedentarização Israelita”<sup>4</sup> — é da autoria de um arqueólogo israelense, Israel Finkelstein; nascido em 1949 em Tel Aviv, estudou arqueologia na universidade de Tel Aviv, onde se doutorou em 1983 com uma tese sobre suas escavações em 'Izbet Sartah. A própria tese tornou-se fundamento para reflexões arqueológicas mais abrangentes em torno da sedentarização israelita na Idade do Ferro I. Revolucionando entretantes a discussão encalhada em torno da pré-história do Israel bíblico, o livro de Finkelstein obriga a verificar seriamente os pressupostos do chamado “modelo sociológico” que vê no surgimento do Israel pré-estatal uma revolta do campesinato cananeu contra as cidades-estado cananéias.

Na “*parte polêmica*”, o livro de I. Finkelstein ocupa-se com uma das questões vitais ligadas ao modelo sociológico de Mendenhall e Gottwald, solapando o pressuposto principal deste modelo de que a proveniência sócio-cultural dos grupos pré-israelitas era agrícola, sedentária e autóctone nas planícies<sup>5</sup>.

Resumimos, a seguir, as principais teses de Finkelstein:

- 1) Para I. Finkelstein, as informações da Estela de Merenptah por volta de 1220 a.C. fecham bem com a informação bíblica de que a fase final da sedentarização israelita aconteceu na Idade do Ferro I (1200-922 a.C.), ou melhor, na época dos Juizes e durante o início da monarquia (Saul). Os 115 sítios arqueológicos na área da colonização efraimita, escavados e analisados por Finkelstein, permitem, segundo ele, em virtude da cerâmica a observação de que eles se espalharam *durante os séculos XII a X a.C. do leste para o oeste e o sul*<sup>6</sup>.
- 2) Quanto à área de colonização (situada entre os paralelos de 31° e 30' e

32° e 30' norte), trata-se de uma região acidentada onde, com exceção de algumas cidades cananéias, não se encontravam rastros arqueológicos caracteristicamente cananeus (cerâmica, utensílios cúlticos, arquitetura, equipamento militar, etc.).

- 3) Finkelstein constata que havia uma ocupação sedentária da Palestina central já na Idade do Bronze (MB IIB-C = 1700-1550 a.C.), sobretudo no leste, nas franjas do deserto, e no norte. Estes sítios foram abandonados a partir de 1550 a.C. — conforme Finkelstein, devido a uma crise interna do sistema citadino. A população nomadizou-se<sup>7</sup>. A ressedentarização daquela mesma gente iniciou, segundo Finkelstein, a partir do final do século XIII a.C., espalhando-se *do leste para o oeste e o sul*, ou seja, da margem do deserto para o interior da Palestina Central. Junto com esta expansão do leste para o oeste e o sul, realizou-se um desenvolvimento sócio-econômico da ressedentarização: *do pastoralismo para a agricultura*.
- 4) Havia, sim, *zonas de simbiose* entre os grupos pastoris e as cidades cananéias na serra da Palestina central (p. ex., Siquém, Afeque, Betel). Parece que a ressedentarização avançou para as *proximidades* das poucas cidades cananéias, onde já havia roçadas novas, o terreno era menos acidentado e, por isto, não havia necessidade de uma agricultura em terraços<sup>8</sup>.
- 5) Os rastros arqueológicos dos cananeus na planície são essencialmente distintos daqueles dos habitantes da Palestina central, portanto, a cultura dos “sítios arqueológicos” nas serranias de Efraim não pode ser entendida senão a partir de tradições pastoris.

Finkelstein desenvolve, a seguir, sete critérios para a *última afirmação*, respondendo à pergunta: quais são estas diferenças específicas entre a “*arqueologia sedentária*” dos cananeus autóctones nas cidades-estado e provenientes das planícies, e a “*arqueologia pastoril*” dos habitantes da Palestina central na Idade do Ferro I (= século XII a X a.C.) que, na medida em que se espalharam para o oeste e o sul, tornaram-se cada vez mais agricultores?

Os dados, a serem apresentados a seguir, são resultado de escavações em 115 “sítios” arqueológicos na Palestina central, no território de Efraim, abrangendo uma área de cerca de 1.050 km quadrados.

- a) As vilas “pastoris” são relativamente pequenas, muito menores do que as grandes cidades cananéias; abrangem na média 5 a 6 dunam (= 5.000-6.000 metros quadrados; ou seja, 70 m x 80 m; 60 m x 90 m, etc.). Ai, na Idade do Bronze, p. ex., abrangia 110 dunam (= 110.000 metros quadrados, = 11 ha), Hazor até 800 dunam (= 800.000 metros quadrados, = 80 ha).
- b) As vilas na Palestina central não estavam fortificadas e não foram destruídas violentamente (ausência de “camada de cinzas”). Parece que foram, outrossim, abandonadas por razões econômicas. Ao tudo que indica, a coexistência com as poucas cidades na Palestina central, de um modo geral, era pacífica.

c) Faltam prédios públicos, armazéns centrais, “palácio do governo”, templo, alojamentos para guarnições, etc., e qualquer tipo de administração central.

d) As casas foram construídas em volta de um grande pátio. Nisto, a estrutura do povoado segue ao modelo dos (semi)nômades que também colocam suas tendas em volta de um grande pátio para poder guardar seu gado dentro do acampamento; Finkelstein remete a pesquisas de A. Mušil e G. Dalman<sup>9</sup>.

Esta estrutura habitacional, no entanto, sofreu algumas modificações na medida em que os sítios avançavam para o oeste, ou seja, quando as seranias subiam e o terreno ficava mais acentuado. Nas franjas do deserto, as casas ainda estavam ligadas “de maneira nômade”: pelas paredes mais estreitas. Mais para o oeste (e mais tarde), as casas coligavam-se pelas paredes mais longas. A explicação mais provável é que tal mudança arquitetônica se deu por razões de estabilidade, quando a colonização entrou em terrenos mais acidentados<sup>10</sup>.

e) Chamam a atenção os “pillared buildings” (casas com pilares). A origem deste tipo de construção está, muito provavelmente, nas tendas nômades. A respeito disto, Finkelstein apóia-se em pesquisas de A. Kempinski e de Z. Herzog<sup>11</sup>. Os pilares podem ser vistos como variações de estacas. Parece que também a subdivisão típica das casas em três ou quatro quartos origina-se da subdivisão correspondente a barracas nômades.

f) Em comparação à cerâmica da planície, a cerâmica na Palestina central é de acabamento muito simples, humilde. Existem dois tipos de cerâmica apenas: os “cooking pots” (panelas) e os importantes “collared-rim store jars” (= jarras de estocagem rebordadas) que estão em descontinuidade com a cerâmica tipicamente sedentária, já que foram encontradas, conforme I. Finkelstein, apenas na serra da Palestina central<sup>12</sup>.

g) Os cereais foram armazenados em pequenos silos familiares perto das casas. Trata-se de tulhas subterrâneas de 1,20-1,30 metros cúbicos, sendo elípticas ou circulares na sua forma. O diâmetro varia entre um e dois metros. Os silos foram escavados no solo e forrados com pedras; em alguns locais eles foram escavados em camadas rochosas. Na interpretação destes silos, Finkelstein refere-se a pesquisas de Y. Shimeoni, D. H. K. Amiran e Y. Ben-Arieh e de A. Shmueli que atribuem este tipo de armazenamento a beduínos recém-assentados<sup>13</sup>. Tal interpretação confere com a observação de que a maioria destes silos foi encontrada em estratos datados ao Bronze Tardio ou ao início do Ferro Inicial, enquanto que, a partir de 1000 a.C., seu número se reduz em sítios mais avançados à agricultura<sup>14</sup>. Em suma, os silos aparecem como formas típicas de armazenamento entre grupos que tem adentrado à cultura de cereais recentemente.

Conseqüentemente, Finkelstein *rejeita* o modelo sociológico de Mendenhall e Gottwald para o século XII a.C. basicamente por três motivos:

1) O modelo sociológico *contrasta* os resultados recentes da moderna

arqueologia e *desrespeita* as verdadeiras condições sócio-ecológicas. A arqueologia é praticamente ignorada; as características da área de sedentarização, suas possibilidades em termos de economia e agricultura, além de questões geográficas, não são levadas em consideração. O modelo sociológico também não trabalha com as tradições e os “estilos” de vida de grupos comparáveis nos dias de hoje. Os argumentos levantados em favor do modelo sociológico revelam-se deste modo como arbitrários e teóricos<sup>15</sup>.

2) A teoria de que os habitantes da Palestina central teriam fugido das planícies para as montanhas, torna necessária a demonstração arqueológica de uma *continuidade* da cultura cananéia sedentária na serra de Efraim durante a Idade do Ferro I. As evidências arqueológicas, no entanto, mostram a *completa incompatibilidade* do “estilo de vida” e da estrutura sócio-ecológica das vilas efraimitas com a hipótese de que seus habitantes teriam sido diretamente provenientes da cultura sedentária nas planícies<sup>16</sup>.

3) A observação arqueológica do processo da “ressedentarização” na Palestina central que, a partir do final do século XIII a.C., progrediu do leste para o oeste e o sul, do pastoralismo para a agricultura, é *diametralmente oposta* à tese do modelo sociológico de que os camponeses cananeus, refugiados das planícies, ter-se-iam “retribalizado” na serra de Efraim.

## II — Israel: Resultado de Desurbanização e Ressedentarização?

Como H. N. Rösel já tem observado em sua recensão, I. Finkelstein — sobretudo na “parte construtiva” de seu livro — não chegou a ser muito explícito<sup>17</sup>. As seguintes reflexões pretendem comentar as teses básicas de sua pesquisa com mais abrangência, recorrendo sobretudo a literatura não israelense.

Rechacando o “modelo sociológico” de Mendenhall e Gottwald, ou seja, o modelo da revolta campesina, não significa que Finkelstein localize o surgimento do Israel pré-estatal fora de contextos sócio-econômicos. A inovação da sua tese, em comparação a pesquisas anteriores, é que ele trabalha com a observação arqueológica de *duas graves crises internas* do sistema das cidades-estado cananéias. Segundo Finkelstein, a primeira, uma desurbanização por volta de 1600 a.C., levou a população citadina da serra da Palestina central a sair; a segunda, por volta de 1250 a.C., a retornar para o seu antigo hábitat. Tais crises, no entanto, não teriam sido provocadas por razões externas, nem por destruições e devastações devido a guerras, mas pela estrutura desequilibrada entre a superpopulação nas cidades e o meio ambiente, bem como por conflitos sociais que, evidentemente, teriam decorrido disto tudo.

Literalmente, na “*parte construtiva*” de seu livro Finkelstein diz:

A vasta maioria das populações que, durante a Idade do Ferro I, assentava-se nas regiões montanhosas e na Transjordânia, tem de ser indígena; não saiu,

no entanto, das cidades cananéias, ou das planícies, nem de uma (inexistente) rede rural nas montanhas. Esta gente havia abandonado a estrutura de colonização permanente já no século XVI a.C. e sobrevivia durante o período do Bronze Tardio como grupo pastoril.<sup>18</sup>

A *identidade* entre os que saíram e voltaram, Finkelstein vê comprovada pela semelhança / identidade da cerâmica, a saber, pela semelhança / identidade das grandes “jarras de estocagem rebordadas” dos séculos XVII-XVI e XIII-XII a.C., quase que exclusivamente encontradas na serra de Efraim<sup>19</sup>.

#### a) A Desurbanização na Palestina nos Séculos XVII-XVI a.C.

Finkelstein data os inícios desta desurbanização na Palestina à Idade do Bronze Médio IIC (1650-1550 a.C.), responsabilizando por ela uma crise interna do sistema citadino que atingiu, sobretudo, as vilas na periferia das cidades-estado:

A data exata em que esta grave crise populacional começou é difícil de determinar (...), mesmo que os achados de nossa pesquisa em Efraim sugerem que o declínio tenha iniciado já antes do fim do período do Bronze Médio. Em todo caso, o processo desenvolveu-se de maneira gradual, ainda que rápido, e realizou-se principalmente durante o século XVI a.C. As razões por trás desta desintegração da colonização permanente não estão suficientemente esclarecidas. Parece o mais indicado, à primeira vista, responsabilizar a campanha militar egípcia no início do “Novo Reinado”, o que, no entanto, teria que ter causado uma devastação maciça da Palestina (...). Fidedignas evidências arqueológicas, porém, ou mesmo históricas, que podem comprovar a destruição simultânea de muitos sítios espalhados sobre toda a região, ainda faltam (...). Mas mesmo uma campanha militar, como a acima mencionada, falharia em explicar o abandono em massa de centenas de colônias não fortificadas (...). Como foi dito, nossas pesquisas em Efraim sugerem que as mudanças no “esquema” das colônias já começaram antes, muito antes da “expulsão dos hicsos” e antes da conquista de Saruhen por Amósis, o fundador da dinastia XVIII. Talvez fatores ecológicos levaram à dissolução das aldeias nas regiões montanhosas (...). A mais provável explicação, porém, reside dentro do sistema sócio-político cananeu (...). Estes problemas internos fizeram com que, inicialmente, houvesse um abandono de diversas vilas não fortificadas na serra de Efraim, bem como um fortalecimento de alguns sítios centrais. Mais tarde, a crise interna levou a um abandono total dos pequenos sítios e à contração dos centros fortificados (...). É possível que os Hurritas e outros elementos populacionais, provenientes do norte, entraram na terra de Israel durante o final do século XVII a.C. (...). A reversão para a nomadização pode ter sido causada por um aumento da pressão populacional nos limitados recursos naturais, por desastres ecológicos, confiscos pelas autoridades, taxaço pesada, insegurança, etc. (...). Parece que foi tudo isto o que, ao final do Bronze Médio, ocorreu nas “periferias”, inclusive nas regiões montanhosas. O sistema de colônias permanentes se desestruturou, e muitos de seus habitantes se tornaram nômades (...).<sup>20</sup>

Chama a atenção o fato de que, nos sítios arqueológicos de muitas cidades palestinas, os estratos do Bronze Médio II (2000-550 a.C.) e do Bronze Tardio I (1550-1400 a.C.) aparecem separados claramente por uma “camada de cinzas”<sup>21</sup>. Fala-se, neste contexto, da campanha militar do fundador da dinastia XVIII do Egito, do faraó Amósis I (1552-1527 a.C.), e de seus sucessores para as cidades do sul na serra central da Palestina. Como J. M. Weinstein tornou verossímil, localizava-se o último reduto do poder hicsos justamente aqui, para ser mais preciso, mormente nas cidades, situadas ao sul da serra central. A grande maioria dos escaravéis e selos hicsos, próprios da Palestina, foi descoberta aqui. Segundo Weinstein, este fato leva a crer que Amósis e seus sucessores (Amenófis I e Tutmósis I) têm concentrado suas atividades militares exatamente nesta região<sup>22</sup>, o que poderia ter levado à mencionada desurbanização e nomadização. Mostrou-se também que, durante toda esta época, muitas destas cidades permaneceram em ruínas: sobretudo *nas partes montanhosas* da terra cultivada, ou seja, na serra de Efraim e, ao leste do Jordão, no Neguebe<sup>23</sup>. Beneficiadas pelo comércio marítimo com o Egito durante a “Pax Aegyptiaca”, porém, as cidades costeiras foram repovoadas — se bem que de modo modesto, não atingindo mais suas antigas dimensões<sup>24</sup>. A. Alt concluiu disto que, durante o Bronze Tardio I, a população palestina teria sofrido uma considerável dizimação, seja pelas deportações para o Egito como escravos, prisioneiros de guerra ou como mão-de-obra<sup>25</sup>.

Que, no entanto, não houve nenhuma depopulação, mostra-se pelo fato de que, durante o Bronze Médio IIC e Bronze Tardio I, o número dos túmulos na Palestina central não diminuiu<sup>26</sup>. Assim sendo, temos que distinguir, a rigor, entre “depopulação” e “desurbanização”, “nomadização” respectivamente.

Conforme Finkelstein, no entanto, a desurbanização já havia começado *antes de 1550 a.C. e independentemente* das campanhas militares de Amósis e de seus sucessores. Para isto, ele baseia-se em uma observação arqueológica bastante consistente: parece que um número considerável de localidades *não fortificadas*, situadas à margem das cidades-estado foi abandonado já ao final da Idade do Bronze Médio IIC (1650-1550 a.C.)<sup>27</sup>.

A respeito de uma possível nomadização, devido a uma crise interna do sistema citadino em Canaã, já a partir do século XVII a.C., *os seguintes fatores* merecem ser considerados (além dos de guerras e de epidemias):

- 1) De um modo geral, o estabelecimento da cultura citadina na Palestina levou a uma exploração do meio ambiente em grande escala. Ao final do Bronze Médio IIA (1950-1750 a.C.), muitas cidades — sobretudo as do norte da Palestina — estavam bem desenvolvidas: Meguido, p. ex., abrangia 100 dunam, Dã e Akko 200 dunam, Hazor 800 dunam, etc.; entre as cidades portuárias, destacou-se Ascalom com 550 dunam<sup>28</sup>. Para as construções de tijolos precisavam-se de enormes quantidades de água, para as construções de pedra, elementos construtivos de madeira em grandes propor-

ções. Para garantir o abastecimento das aglomerações populacionais nos centros urbanos — naquela época, Hazor contava com 25.000 a 30.000 habitantes —, tornou-se necessária uma intensificação da produção agrícola e pecuária ao redor das cidades. Os efeitos correlacionados eram: exploração do meio ambiente, superpastoreio, desmatamento, erosão e deterioração do solo<sup>29</sup>. Assim, poderiam se explicar também as crises econômicas das grandes cidades da Síria durante o Bronze Tardio. Numa medida crescente, agricultores endividados foram escravizados, os decretos de remissão de dívidas gerais desapareceram e as taxas de juros aumentaram. A desintegração social se tornou visível nos *'apiru*<sup>30</sup>.

2) Em contraposição às grandes cidades da Síria, a sociedade urbana no sul da Palestina não apresentava uma desenvolvida diferenciação profissional e, com isto, ela dependia em demasia da produção agrícola. Por este subdesenvolvimento de outros setores econômicos (cerâmica, metalúrgica, carpintaria, tecelagem, curtumes, joalheria, etc.), mudanças climáticas e ecológicas não podiam ser compensadas de modo suficiente. Na periferia do “crescente fértil”, até uma pequena redução na quantidade de chuvas, podia levar ao atrofiamento de culturas citadinas<sup>31</sup>. Este fator poderia ter intensificado as tendências de proletarização e nomadização ainda mais.

3) A introdução do “carro de combate” na cultura de todo o Antigo Oriente não apenas levou à formação de elites guerreiras e à “feudalização” da sociedade (cf. 1 Sm 8.14)<sup>32</sup>. Esta inovação técnica — provavelmente uma criação dos hicsos — privou os nômades da sua maior vantagem tática: a da grande mobilidade e da surpresa estratégica. No entanto, por um lado, esta arma proporcionou aos grandes reinos do Egito e da Mesopotâmia, e às cidades-estado, a possibilidade de dissolver os “treks” em pequenos grupos e de “trancar” os acessos à terra cultivada. Por outro lado, tais grupos destribilizados aliavam-se ao proletariado, aos *'apiru*. Intensificavam-se, deste modo, os ataques de guerrilha, devastações dos campos (cf. Jz 15.4ss.), etc.<sup>33</sup>. Chama a atenção que, entre 1650-1550 a.C., uma localidade tão central como Siquém foi posta em ruínas repetidas vezes<sup>34</sup>.

Correríamos, no entanto, o risco de mutilar a multiplicidade da história, se desconsiderássemos os fatores advindos do panorama político em geral:

4) Os hicsos (hk'w h'sw.t = “dominadores dos países estrangeiros”), conforme W. Helck grupos hurritas que se expandiram para o sul (cf. Dt 2.22!)<sup>35</sup>, estabeleceram-se no Egito por volta de 1650 a.C. Manetho, segundo a citação por Flávio Josefo, *Contra Apionem I*, 14, §§ 75s., escreve:

Tutímaios: Durante o seu reino — não sei por quê — Deus estava contra nós. E, inesperadamente, gente de uma raça obscura, vindo de regiões orientais, marchou em triunfo contra o nosso país. E, facilmente, pela violência, praticamente sem combate, ocuparam-no. E, tendo subjogado os líderes do país, eles queimaram nossas cidades rudemente, arrasaram os santuários dos deuses e trataram a todos os nativos com cruel hostilidade, massacrando alguns e levando as crianças e as mulheres de outros para a escravidão.<sup>36</sup>

Em todo caso, consideramos legítima a pressuposição de que havia deslocamentos demográficos no sul da Síria e na Palestina em virtude da pressão hicsa/hurrita já durante o século XVII a.C.<sup>37</sup>.

5) A derrota definitiva dos hicsos nos territórios do Egito e da Palestina ocorreu por volta de 1532 a.C.<sup>38</sup> e teve início uma longa fase de ascensão e de reconstituição do império faraônico. Assim sendo, a Idade do Bronze Tardio I (1550-1400 a.C.) coincidiu, na Palestina, com a grande expansão militar e econômica do Egito sob a XVIII dinastia. A primeira atitude desta política externa agressiva do Novo Reino foi a campanha militar do faraó Amósis I, acima mencionada, para o sul da Palestina.

Tais eventos, porém, deveriam ser considerados apenas entre outros fatores, pois não podem explicar por si só todas as “camadas de cinzas” entre os estratos do Bronze Médio IIC e do Bronze Tardio I<sup>39</sup> e o abandono de muitos sítios não fortificados já antes da dinastia XVIII.

6) Indiretamente, as destruições de muitas cidades palestinas no início do Bronze Tardio I podem ter a ver com o desaparecimento dos hicsos, dos antigos dominadores também na Palestina<sup>40</sup>. Na Palestina, o declínio e finalmente a derrota dos hicsos poderiam ter gerado circunstâncias instáveis<sup>41</sup>. Provavelmente eclodiram conflitos bélicos entre as próprias cidades-estado e também numerosas guerrilhas, rebeliões e insurreições da população contra os seus antigos exploradores nas capitais. Nisto, enquadra-se bem o fato de que, como expressão dos distúrbios sociais daquela época, os *'apiru* chegam a ser mencionados nas inscrições egípcias da dinastia XVIII junto com tribos nômades (s's.w)<sup>42</sup>.

## **b) A Ressedentarização na Palestina durante o Século XII a.C.**

Após a desurbanização, durante os séculos XVII e XVI a.C., o sistema citadino na Palestina teve uma fase de restabelecimento. Os anais dos faraós sobre suas campanhas militares na Síria<sup>43</sup> e as cartas de Tell el-'Amârna<sup>44</sup> mencionam nada menos do que 39 cidades-estado na Síria e na Palestina (cf. Jz 1.21,27,29,35; Js 17.16)<sup>45</sup>. Nas ilustrações que, de vez em quando, acompanham as inscrições hieroglíficas, todas estas cidades parecem ser bem fortificadas<sup>46</sup>. Ao que tudo indica, os faraós estavam interessados em consolidar sua província palestinense:

O número total de asiáticos, enviados ao Egito como presa ou tributo, no prazo de 20 anos (...) durante o governo de Tutmósis III, atingiu apenas um número de 5.000 adultos e crianças. Desta maneira, ninguém pode acusar este rei de haver depopulado o país, assim como mais tarde os Assírios e os Babilônios fizeram.<sup>47</sup>

Apesar de uma carga fiscal considerável e de indícios para um agravamento da estratificação social<sup>48</sup>, a população das cidades-estados conseguiu se aproveitar da “Pax Aegyptiaca” durante as fases de hegemonia egípcia

quase que incontestadas<sup>49</sup>. Como as escavações dos subúrbios de Hazor e Betel revelaram, as condições vivenciais nas cidades não eram precárias<sup>50</sup>. Por certo, a produção agrícola durante o Bronze Tardio era lucrativa e permitia uma exportação de vinho e óleo em grande estilo. No Egito, no Chipre, em ilhas do Mar Egeu e na Grécia foram encontradas grandes jarras de estocagem, com as quais os comerciantes da Palestina costumavam exportar seus produtos<sup>51</sup>.

O que causou, por volta de 1200 a.C., o forte declínio da cultura citadina em Canaã e o “retorno” dos grupos nomadizantes? A literatura arqueológica reporta-se, neste caso, a uma queda da cultura citadina durante o Ferro Inicial por causa de destruições e crises econômicas na Palestina a partir de 1200 a.C.<sup>52</sup>. Na medida em que os textos contemporâneos se manifestam quanto às ocorrências daquele tempo, pelo menos *dois componentes* devem ser considerados como decisivos:

1) O faraó Merenptah (1224-1204 a.C.), no seu quinto ano governamental, tinha de se defender contra os Líbios associados aos chamados “Povos do Mar”, cuja invasão da parte ocidental do Delta estava prestes a acontecer. No quinto ano de Ramsés III (1184-1153 a.C.), os Líbios e os Filisteus repetiram o seu ataque, desta vez em coligação com os “Tykr”. Apenas três anos depois, os Líbios e os Filisteus, cuja coligação integrou também uma miscelânea de outras tribos (algumas delas da língua indo-européia), tentaram, de novo, invadir o Delta do Nilo. Ramsés III, depois de ter repellido as invasões por volta de 1190 a.C., relata em seu “boletim de guerra” que o reino Hitita, o Chipre, bem como as cidades da “Via Maris” (do corredor sírio-palestino), não teriam resistido a estas ondas imigratórias<sup>53</sup>.

Nestas situações de crise, as cidades cananéias tinham de aderir às mais diversas coligações, o que certamente produziu conflitos armados:

- a) com as autoridades egípcias<sup>54</sup>,
- b) com os invasores, ou seja, os “Povos do Mar”,
- c) com as cidades de coalizões inimigas.

2) Em virtude de tudo isto, a economia da Palestina foi fortemente atingida, já que no contexto das mesmas invasões, por volta de 1200 a.C., também o mundo de Micenas sucumbiu. Devido a esta catástrofe, Canaã perdeu seu parceiro comercial mais importante justamente numa época em que a dinastia XIX lutava por sua sobrevivência e cobrava uma alta quota de impostos extorsivos para a manutenção de suas guarnições e tropas na Palestina. Os indícios arqueológicos de um empobrecimento geral são claros:

A necrópole de Tell es-Sa’idiya na Transjordânia (= Sartã? Js 3.16; 1 Rs 4.12) mostra como os donativos sepulcrais diminuem continuamente em qualidade e acabamento, atingindo durante o Ferro I o seu nível mais baixo<sup>55</sup>. Ao final do Bronze Tardio, mercadorias de alta qualidade contrastavam com um precário “standard” de utensílios, feitos para o uso diário<sup>56</sup>.

“Ao final do século XIII a.C.”, diz I. Finkelstein,

as condições sócio-econômicas e políticas mudaram e tornaram-se favoráveis à sedentarização de grupos pastoris (...). A dissolução interna e o colapso das cidades-estado cananéias prejudicaram sériamente a produção agrícola, destruindo, deste modo, o frágil balanço simbiótico entre os grupos pastoris e a população sedentária. O fator mais decisivo deste processo, que levou à sedentarização de tais grupos pastoris, foi, talvez, o da exploração econômica dos centros urbanos pelo Egito (incluindo impostos para a manutenção da administração egípcia em Canaã). Esta, certamente, alcançou seu apogeu durante o século XIII a.C. (...). Tal exploração econômica poderia ter destruído a capacidade da população sedentária de Canaã de obter um excedente na produção agrícola. Assim sendo, os grupos pastoris/nômades precisavam envolver-se na produção sazonal de cereais. Encaminhava-se, assim, o início da sedentarização (...). O processo de sedentarização realizava-se, provavelmente, de maneira gradual e muito lenta. Na medida em que a população sedentária aumentava, o número de nômades diminuía. E só ao final do século XI a.C. e ao início do século X a.C., a maioria da população havia consumado sua sedentarização.<sup>57</sup>

Por meio desta reflexão, Finkelstein acrescenta mais um fator, afirmando que a *ressedentarização* dos grupos pastoris teria acontecido por causa de uma forte redução do “surplus” da produção agrícola nos arredores das cidades. Como a simbiose entre as cidades-estado e os grupos nomadizantes teria funcionado na base de tal excedente da produção agrícola<sup>58</sup>, os grupos nomadizantes praticamente teriam morrido de fome se não tivessem voltado a cultivar seus antigos campos na serra de Efraim.

### III — Revolta, Ressedentarização e/ou Imigração?

Como G. E. Mendenhall e N. K. Gottwald, também I. Finkelstein afirma que a massa dos grupos pré-israelitas não se recrutava de tribos imigrantes, vindas de fora da Palestina. Ele também localiza o surgimento do Israel pré-estatal dentro de crises econômicas do sistema citadino em Canaã. Parece, inclusive, pelos fatores antropológicos, que o quadro geral, desenhado por I. Finkelstein, é muito mais propício à tese da “sociedade igualitária” do que o próprio “modelo sociológico” de Mendenhall e Gottwald<sup>59</sup>. No entanto, em contraposição a Mendenhall e Gottwald, Finkelstein fala, a respeito do século XII a.C., de uma imigração *pacífica* de grupos pastoris, de uma sedentarização *do leste para o oeste, do pastoralismo para a agricultura*, aproximando-se nisto das teorias de A. Alt, M. Noth, S. Herrmann, M. Weippert, etc.

O que diverge de todas as teorias existentes é a sua tese da nomadização e ressedentarização. Contestando a possibilidade de imigrações, I. Finkelstein chega à conclusão de que os antepassados do Israel pré-estatal, antes de terem ocupado a serra de Efraim a partir do século XIII a.C., ter-se-iam nomadizado em virtude de uma fase de desurbanização geral já duran-

te o Bronze Médio IIC (1650-1550 a.C.).

Se bem que, à primeira vista, a semelhança entre as “jarras de estocagem rebordadas”, bem como a alta frequência com que estas jarras foram encontradas justamente nas serranias da Palestina central, sejam realmente fatos que caem na vista<sup>60</sup>, surgem, no entanto, dúvidas quanto à exatidão e à validade desta observação, em virtude da qual Finkelstein chega a uma identificação étnica entre os grupos da nomadização e os da ressedentarização.

1) H. Weippert, p. ex., distingue entre *três diferentes tipos* destas “jarras de estocagem” e classifica os “collared-rim store jars” do Ferro Inicial, encontradas na Palestina central e na Transjordânia, como um “*tipo novo*” e distinto da tradição do Bronze Médio IIC<sup>61</sup>; e R. Amiran, por sua vez, diz:

As profundas mudanças, ocorridas em Canaã pela sedentarização das tribos de Israel, são facilmente reconhecíveis por vários fenômenos materiais, sobretudo e em primeiro lugar pela cerâmica. Não há dúvida alguma de que a cerâmica dos séculos XII e XI a.C. (do Ferro Inicial) — mesmo que a herança cananéia se evidencie bem — representa já uma entidade diferente que, de modo gradual, transforma-se, na seguinte fase, em um novo sistema de idéias cerâmicas.<sup>62</sup>

A “Escola Holandesa”, representada por E. Noort, porém, rejeita *qualquer* identificação étnica, voltando-se tanto contra I. Finkelstein quanto contra H. Weippert e R. Amiran. Quanto à teoria de Finkelstein, E. Noort aponta para o fato de que as jarras em questão foram descobertas *também fora da serra central*, em vários lugares da Transjordânia, da Shephelah e em Hazor. Quanto à pretensa descontinuidade da cerâmica por razões étnicas, E. Noort responsabiliza pelas mudanças unicamente um avanço técnico no processo de produção<sup>63</sup>.

2) A função destas jarras está intrinsecamente ligada à sua localização. Como elas foram encontradas largamente nas regiões de cultivo de vinhas e oliveiras (sobretudo no escarpado ocidental norte e sul), pode-se supor que sua finalidade era funcional: o armazenamento e a estocagem de água, óleo e vinho. Chama a atenção que, em regiões de cultivo de cereais (principalmente ao leste e ao oeste da serra), a quantidade de tais jarras diminui consideravelmente. Cresce, em compensação disto, o número dos “silos subterrâneos”<sup>64</sup>. Tal função econômica local já explicaria a semelhança, enquanto que a estrutura elíptica das vilas e a origem das “casas com pilares”, por sua vez, não se derivam em nada de condicionamentos locais<sup>65</sup>. Em outras palavras: o caráter funcional das “jarras de estocagem rebordadas” não apoia a tese da “origem pastoril” e muito menos a da ressedentarização da mesma etnia.

3) Finkelstein deixa em aberto, por que, ao contrário da cerâmica, a arquitetura do Ferro Inicial não mais ter-se-ia orientado nos modelos do Bronze Tardio I<sup>66</sup>.

4) O que Finkelstein apresenta como evidências arqueológicas para o

processo da “nomadização” da população citadina — santuários e cemitérios externos às cidades<sup>67</sup> — não pode excluir de antemão a origem pastoril de outros grupos, alheios à Palestina central. Os objetos rituais e donativos sepulcrais encontrados, por sua vez, indicam, isto sim, ou a origem citadina ou a simbiose destes grupos pastoris com as cidades.

5) Quanto às “condições favoráveis à ressedentarização”, Finkelstein não apresenta nenhuma explicação aceitável, por que a crise do sistema citadino cananeu, durante os séculos XVII-XVI a.C., teria desembocado numa nomadização, enquanto que uma outra, a dos séculos XII a XI a.C., teria levado forçosamente à ressedentarização<sup>68</sup>. A referência ao “déficit alimentar” como a *única causa* da ressedentarização parece bastante arbitrária. Certamente, havia tais déficits também durante os séculos XVII a XVI a.C., sem terem forçado os grupos pastoris à agricultura.

6) Segundo a nossa opinião, a Estela de Merenptah constata um Israel pré-estatal sedentário já por volta do fim do século XIII a.C.<sup>69</sup>. Em inscrições egípcias da mesma época aparecem, também pela primeira vez, os nomes de países como Moabe e Edom<sup>70</sup>. Como V. Fritz já tem colocado quanto ao Neguebe, a sedentarização pacífica de grupos pré-israelitas poder-se-ia ter realizado já antes do século XIII a.C. após uma longa fase de simbiose com a cultura cananéia<sup>71</sup>. Em analogia à nomadização durante os séculos XVII a XVI a.C., pode-se supor que, por volta de 1200 a.C., os deslocamentos populacionais<sup>72</sup> antes *recomeçaram* do que tenderam a diminuir. É por isto que a quantidade dos “silos” subterrâneos diminui praticamente só a partir da realeza. A Estela de Merenptah provavelmente refere-se a um Israel ainda localizado na parte leste da serra de Efraim<sup>73</sup>.

7) Sobre as constantes (i)migrações em todas as épocas do Antigo Oriente falou-se o necessário já em outra ocasião: a respeito de Canaã, as inscrições egípcias ao final do século XIV a.C. constatarem seguidamente a entrada de grupos pastoris<sup>74</sup>. Basta acrescentar aqui que os rumos de migrações demográficas até podem ser constatados pela cerâmica<sup>75</sup>. Tendo em vista indícios linguísticos<sup>76</sup> e históricos<sup>77</sup>, *não há motivo algum* de excluir da pré-história israelita movimentos imigratórios. A princípio, no entanto, não negamos a possibilidade de que, durante a “Pax Aegyptiaca”, a nomadização parcialmente se inverteu em uma ressedentarização ao final do Bronze Tardio II (ca. de 1300-1200 a.C.).

*Em resumo:* Parece-nos que a tese da identidade étnica, ou seja, a da ressedentarização dos mesmos grupos, não pode ser mantida em sua exclusividade.

Também a pesquisa de Israel Finkelstein nos coloca perante o problema do “*esquematismo*”. No dizer de A. Pelletier e J. J. Goblot<sup>78</sup>: Levando em conta a marcha desigual da história, a multiplicidade de suas formas, de seus caminhos e resultados, fomos, assim, conduzidos a considerar seriamente a insistência de numerosos historiadores *não marxistas* na heteroge-

neidade específica que apresentam os fatos de civilização.

A história da sedentarização dos grupos pré-israelitas é *pouco apropriada a explicações monocausais e idealizantes*. Se há uma consequência que pode ser tirada do livro de Finkelstein, então deve ser esta: uma causa única e uma sucessão de etapas, a partir da qual deixar-se-ia balizar uma evolução histórica perfeitamente linear, *não existe*. Sob este aspecto, as teorias de A. Alt, de N. K. Gottwald e de I. Finkelstein são falidas de igual maneira. Ao nosso ver, o surgimento do Israel pré-estatal deve-se tanto a fatores de revolta, quanto de ressedentarização, e, não por último, também a fatores de sedentarização pacífica de grupos pastores, vindos de fora da Palestina. É simplificação e idealização dizer que a história do Israel pré-estatal se construiu, excluindo um destes fatores mencionados<sup>79</sup>.

## Notas

- 1 Agradecemos à Sra. Giovana Nör por ter melhorado nosso Português.
- 2 N. K. GOTTWALD, *As tribos de Jahweh*, São Paulo, EP, 1986.
- 3 C. A. DREHER, A formação social do Israel pré-estatal, in: *Estudos Teológicos* 26:169, São Leopoldo/RS, Editora Sinodal, 1986.
- 4 Título original: *The Archaeology of the Israelite Settlement*, Jerusalem, Israel Exploration Society, 1988.
- 5 N. K. GOTTWALD, op. cit. (nota 1), pp. 220ss., 588ss. Uma outra tese principal do chamado “modelo sociológico” que exige reformulação é a do “conflito entre campo e cidade”. Cf. N. P. LEMCHE, *Early Israel — Anthropological and Historical Studies on the Israelite Society before the Monarchy* [SVT 37], Leiden, E. J. Brill, 1985, pp. 198ss. (Lit.) “O conflito não se dava entre ‘campo’ e ‘cidade’ como tais; a ‘linha divisória’ estava entre as cidades no campo e as capitais, Jerusalém e Samaria, bem como os centros administrativos.” Assim diz, p. ex., V. FRITZ, *Die Stadt im Alten Israel*, München, C. H. Beck, 1990, p. 153.
- 6 I. FINKELSTEIN, op. cit. (nota 4), pp. 185ss.
- 7 Analogias em: W. G. DEVER, New Vistas on the EB IV (= “MB I”) Horizon in Syria-Palestine, in: *Bulletin of the American Society of Oriental Research* 237:58, New Haven (Conn.), American Schools of Oriental Research, 1980; O. S. LA BIANCA, The return of the nomad, in: *Annual of the Department of Antiquities of Jordan* 29:251ss., 'Ammán, Department of Antiquities, 1985.
- 8 I. FINKELSTEIN, op. cit. (nota 4), pp. 202, 309.
- 9 IDEM, ibidem, pp. 238ss., 246; cf. H. WEIPPERT, *Palästina in vorhellenistischer Zeit* [Handbuch der Archäologie II, 1], München, C. H. Beck, 1988, pp. 403, 416.
- 10 IDEM, ibidem, pp. 243, 253, 259.
- 11 IDEM, ibidem, pp. 254ss.; cf. H. WEIPPERT, op. cit. (nota 9), pp. 393ss., 401, 416 (Lit.).
- 12 IDEM, ibidem, pp. 275ss.
- 13 IDEM, ibidem, pp. 264ss.; cf. H. WEIPPERT, op. cit. (nota 9), p. 402.
- 14 IDEM, ibidem, pp. 266.
- 15 IDEM, ibidem, pp. 306ss.; cf., p. ex., as colocações de N. K. GOTTWALD, op. cit. (nota 2), pp. 661s., com I. Finkelstein, op. cit. (nota 4), pp. 202, 309.

- 16 Assim também diz H. WEIPPERT, op. cit. (nota 9), p. 401.
- 17 H. N. RÖSEL, Recensão sobre o livro de Finkelstein, in: *Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins* 105:186, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1989.
- 18 I. FINKELSTEIN, op. cit. (nota 4), p. 348.
- 19 IDEM, ibidem, pp. 283s.
- 20 I. FINKELSTEIN, op. cit. (nota 4), pp. 341ss.
- 21 Cf. H. WEIPPERT, op. cit. (nota 9), p. 267 (Lit.).
- 22 J. M. WEINSTEIN, The Egyptian Empire in Palestine, in: *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 241:7ss., New Haven (Conn.), American Schools of Oriental Research, 1981.
- 23 Cf. H. WEIPPERT, op. cit. (nota 9), p. 268 (Lit.).
- 24 Cf. EADEM, ibidem (Lit.).
- 25 A. ALT, *Kleine Schriften zur Geschichte des Volkes Israel III*, München, C. H. Beck, 1968, p. 6.
- 26 R. GONEN, Urban Canaan in the Late Bronze Period, in: *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 253:61ss., New Haven (Conn.), American Schools of Oriental Research, 1984.
- 27 I. FINKELSTEIN, op. cit. (nota 4), p. 340.
- 28 Cf. H. WEIPPERT, op. cit. (nota 9), pp. 217s.; V. FRITZ, op. cit. (nota 5), pp. 20s.
- 29 Cf. H. WEIPPERT, op. cit. (nota 9), p. 199 (Lit.).
- 30 Cf. O. LORETZ, *Habiru-Hebräer* [BZAW 160], Berlin/New York, W. de Gruyter, 1984, p. 76 (Lit.).
- 31 Cf. H. WEIPPERT, op. cit. (nota 9), pp. 13ss.
- 32 Quanto ao Egito, cf. W. HELCK, *Politische Gegensätze im alten Ägypten* [HAeB 23], Hildesheim, Gerstenberg, 1986, pp. 43ss.
- 33 Cf. O. LORETZ, op. cit. (nota 30), p. 72 (Lit.).
- 34 W. G. DEVER, The MB IIC Stratification in the Northwest Gate Area at Shechem, in: *Bulletin of the American Society of Oriental Research* 216:31ss., New Haven (Conn.), The American Schools of Oriental Research, 1974.
- 35 W. HELCK, *Die Beziehungen Aegyptens zu Vorderasien im 3. und 2. Jahrtausend v. Chr.* [AeA 5], Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1971, pp. 100ss.
- 36 W. G. WADDEL & F. E. ROBBINS, *Manetho Ptolemy, Tetrabiblos* [Loeb classical Library 350], London, W. Heinemann Ltd., 1971, p. 79.
- 37 B. MAZAR, Middle Bronze Age in Palestine, in: *Israel Exploration Journal* 18:89ss., Jerusalem, Israel Exploration Society, 1968; cf. também: G. WILHELM, *Grundzüge der Geschichte und Kultur der Hurriter* [G 45], Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1982, pp. 27s.
- 38 E. HORNING, *Grundzüge der ägyptischen Geschichte* [G 3], Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1978, pp. 72ss.
- 39 W. H. SHEA, The conquests of Sharuhen and Meggido Reconsidered, in: *Israel Exploration Journal* 29:1ss., Jerusalém, Israel Exploration Society, 1979; cf. também: D. B. REDFORD, A Gate Inscription from Karnak and Egyptian Involvement in Western Asia during the Early 18th Dynasty, in: *Journal of the American Oriental Society* 99:273ss., New Haven (Conn.), American Oriental Society, 1979.
- 40 J. BRIGHT, *História de Israel*, São Paulo, EP, 1985, p. 72; cf. H. WEIPPERT, op. cit. (nota 9), pp. 211s. (Lit.).
- 41 Esta é a tese de H. WEIPPERT, ibidem, pp. 212, 255, 267s.

- 42 Cf. EADEM, *ibidem*, p. 269 (Lit.).
- 43 W. HELCK, *op. cit.* (nota 35), pp. 107ss.
- 44 J. A. KNUDTZON, *Die El-Amarna-Tafeln I-II* [VAB II, 1-2], Aalen, Otto Zeller, 1964; VV. AA., *Israel e Judá* [documentos do mundo da Bíblia 2], São Paulo, EP, 1985, pp. 24ss.
- 45 W. HELCK, *op. cit.* (nota 35), pp. 289ss.
- 46 IDEM, *ibidem*, pp. 324ss.; a maneira de ilustração, porém, é bastante esquemática e convencional.
- 47 J. M. WEINSTEIN, *op. cit.* (nota 22), p. 14; o número de prisioneiros de guerra “101.128” no Documento IV, 1308 (cf. W. HELCK, *Materialien zur Wirtschaftsgeschichte des Neuen Reiches III*, Wiesbaden, Franz Steiner, 1963, p. 317) é resultado de um censo na Síria durante o governo de Tutmósis III(!); cf. J. J. JANSSEN, Eine Beuteliste von Amenophis II. und das Problem der Sklaverei im Alten Ägypten, in: *Jaarbericht van het Vooraziatisch-egyptisch Gezelschap Ex Oriente Lux 17:147*, Leiden, E. J. Brill, 1963.
- 48 Sobretudo na época de Tell el-'Amârna agravou-se o desnível social entre as capitais e as cidades agrícolas; cf. F.E. DOBBERAHN, O destino do escravo José, in: *Estudos Bíblicos 18:30ss.*, Petrópolis, Vozes, 1988.
- 49 Cf. J. M. WEINSTEIN, *op. cit.* (nota 22), pp. 14s.
- 50 Cf. H. WEIPPERT, *op. cit.* (nota 9), pp. 340s. (Lit.). O estrato VIII d (do século VIII a.C.) de Tirsa, p.ex., mostra até uma subdivisão da cidade (cf. EADEM, *ibidem*, pp. 530ss.). Parece que o bairro rico foi separado do bairro pobre por um muro (cf. R. de VAUX, Tirzah, in: W. D. THOMAS [org.], *Archaeology and Old Testament Study*, Oxford, Clarendon Press, 1967, p. 378).
- 51 Cf. R. AMIRAN, *Ancient Pottery of the Holy Land*, Jerusalem, 1969, pp. 138s.
- 52 Cf. H. WEIPPERT, *op. cit.* (nota 9), pp. 340ss. (Lit.); cf. V. FRITZ, *op. cit.* (nota 4), pp. 33ss.
- 53 VV. AA., *Israel e Judá*, *op. cit.* (nota 44), p. 41; H. CAZELLES, *História política de Israel*, São Paulo, EP, 1986, pp. 48s.
- 54 Quanto à historicidade da Estela de Merenptah por causa da Estela de Amada (Doc. IV, 1297, 3s.), cf. H. ENGEL, Die Siegesstele des Merenptah, in: *Biblica 60:380ss.*, Roma, Pontificium Institutum Biblicum, 1979.
- 55 I. FINKELSTEIN, *op. cit.* (nota 4), p. 111.
- 56 Cf. H. WEIPPERT, *op. cit.* (nota 9), pp. 340ss. (Lit.).
- 57 I. FINKELSTEIN, *op. cit.* (nota 4), pp. 345ss.
- 58 Cf. A. M. KHAZANOV, Characteristic Features of Nomadic Communities in the Eurasian Steppes, in: W. WEISSELEDER (org.), *The Nomadic Alternative*, The Hague/Paris, Mouton Publishers, 1978, p. 124.
- 59 Cf. R. A. BUTTERFIELD, A evolução sócio-política do Israel pré-estatal, in: *Estudos Teológicos 28:99ss.*, São Leopoldo/RS, Editora Sinodal, 1988.
- 60 Cf. N. P. LEMCHE, *op. cit.* (nota 5), pp. 431s.
- 61 H. WEIPPERT, *op. cit.* (nota 9), pp. 338s., 396s.
- 62 R. AMIRAN, *op. cit.* (nota 51), p. 192.
- 63 E. NOORT, segundo um “paper” distribuído durante o “Lehrkurs 1990” em Jerusalém.
- 64 Cf. I. FINKELSTEIN, *op. cit.* (nota 4), pp. 282s.
- 65 Cf. IDEM, *ibidem*, pp. 281ss.
- 66 IDEM, *ibidem*, pp. 238ss., 256ss. Cf. H. N. RÖSEL, *op. cit.* (nota 17), p. 186, n. 23. Apenas a posição perpendicular das casas ao centro é condicionada pela formação geológica do terreno; cf. I. FINKELSTEIN, *ibidem*, pp. 250ss.

- 67 I. FINKELSTEIN, op. cit. (nota 4), pp. 343ss.
- 68 Cf. H. N. RÖSEL, op. cit. (nota 17), p. 186.
- 69 F. E. DOBBERAHN, Reflexões arqueológicas sobre a sedentarização das tribos de Israel, in: *Boletim Teológico* 15:50ss., Brasília/DF, Editora Comunicarte, 1991.
- 70 IDEM, ibidem, pp. 51s.
- 71 V. FRITZ, Die kulturhistorische Bedeutung der früheisenzeitlichen Siedlung auf der Hirbet el-Msas, in: *Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins* 96:132ss., Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1980.
- 72 Certamente também devido ao assentamento dos Filisteus pelo faraó Ramsés III (1184-1153 a.C.) no sudoeste da Palestina; cf. A. ALT, *Kleine Schriften zur Geschichte des Volkes Israel I*, München, C. H. Beck, 1968, pp. 228ss.
- 73 Se o “bn prt.f” (= “e não tem mais semente”) na linha 27 da Estela de Merenptah refere-se à produção de cereais, somente pode ser subentendido um Israel ainda localizado ao leste da serra de Efraim; cf. o mapa in: I. FINKELSTEIN, op. cit. (nota 4), p. 135.
- 74 F. E. DOBBERAHN, op. cit. (nota 69), pp. 45ss.
- 75 R. AMIRAN, op. cit. (nota 51), pp. 113, 118; B. MAZAR, op. cit. (nota 37), pp. 67s.
- 76 H. BAUER & P. LEANDER, *Historische Grammatik der Hebräischen Sprache des Alten Testaments*, Hildesheim, G. Olms, 1962, § 2, pp. 15ss.; R. MEYER, *Gramática del Hebreo Bíblico*, Terrassa, CLIE, 1989, § 5.3, p. 43; cf. Gn 31.20,24,47; Dt 26.5.
- 77 S. HERRMANN, *História de Israel en la época del Antiguo Testamento*, Salamanca, Sígueme, 1979, pp. 69, 74s., 76, 79, 81.
- 78 A. PELLETIER J. & J. GOBLOT, *Materialismo histórico e história das civilizações* [Coleção Teoria 2], Lisboa, Editorial Estampa, 1975, p. 63.
- 79 Cf. F. E. DOBBERAHN, op. cit. (nota 69), pp. 47ss.

Friedrich Erich Dobberahn, Dr. Dr.  
 Professor de Antigo Testamento  
 Escola Superior de Teologia  
 Caixa Postal 14  
 93001 São Leopoldo — RS

Armin Andreas Hollas  
 Estudante de Teologia  
 Rua Ipiranga, 267  
 93120 Scharlau/São Leopoldo — RS